



# CLIQUE

## DIFERENCIADOS

MODELOS DE MOUSES PIPOCAM NO MERCADO E FABRICANTES OFERECEM TECNOLOGIAS VOLTADAS PARA SEGMENTOS EXCLUSIVOS DE PÚBLICOS. SAIBA COMO ESCOLHER O SEU

DA REDAÇÃO

Elas facilitam a vida de muita gente. São considerados a extensão de nossas mãos. E a fama não é à toa: seria difícil imaginar a rotina do trabalho com um computador sem a presença do pequeno mouse. O acessório, que foi inventado na década de 1970 pelo cientista americano Douglas Engelbart, só se popularizou nos anos 1980, com lançamentos do Apple Macintosh e do Windows. A partir de então, inúmeros modelos surgiram no mercado: com esferas, óticos, sem fios... E, a isso, acrescenta-se ainda as opções em miniatura, com scroll e em formatos para lá de originais. Diante de tanta variedade, fica a dúvida: como escolher o mouse certo?

De acordo com Rafael Cortes, gerente da linha de acessórios para informática da Maxprint, empresa especializada em acessórios de computadores, são vendidos 500 mil mouses por mês no Brasil. Só na Maxprint, são 30 mil. "O mouse é o acessório que o consumidor mais troca por ser um produto barato e com uma tecnologia que muda muito. Para você ter uma idéia, a cada sete mouses, o consumidor muda um teclado" explica Cortes. O gerente avalia que a vida útil do dispositivo é, em média, de cinco anos ou quando completa 1 milhão de cliques.

A representante da Logitech, empresa que vendeu mais de 700 milhões de mouses

no mundo em 2006, Elisa Leitão, afirma que o tempo de vida pode ser maior. "Conhecemos clientes que relatam ter um mouse há dez anos, sem necessidade de troca. O que motiva os usuários à mudança são as novas tecnologias, design e recursos. Por exemplo, se o usuário adquire um monitor LCD e um teclado preto, provavelmente, se sentirá motivado a trocar o seu mouse para combinar com estas novas tecnologias" comenta.

Para todos os gostos

Existem no mercado, basicamente, três tipos: o mouse com esfera, o ótico e o sem fio. A principal diferença entre eles, além do preço, é a precisão dos movimentos. O primeiro registra apenas 500 dpi (*dot per inch*) enquanto os outros dois contam, respectivamente, com 800 e 1.600 cpi (*count per inch*). O último é aconselhável, por exemplo, para pessoas que desenham ou jogam por meio da telinha.

Seja qual for a sua escolha, alguns cuidados são necessários para garantir o bom funcionamento do acessório. No caso do ótico, uma superfície refletora dificulta a leitura. E, aqueles que não abrirem mão do mouse com esfera, devem ficar atentos à limpeza. O ideal, segundo especialistas, é retirar a bolinha e usar cotonete e um pano seco.

Além disso, o consumidor também pode optar por modelos com scroll (barra de rolagem, que permite "descer" o texto) e apare-

lhos sem fio — que, apesar de exigir recarga de bateria, dão maior liberdade de movimento. Outra facilidade é a conexão USB, que garante maior velocidade. "Para mim, mouse perfeito é o ótico USB com fio", avalia Rafael Cortes, da Maxprint.

O coordenador de marketing da empresa de acessórios de informática Clone, Dennis Brach, explica que a escolha depende do perfil e da necessidade do consumidor. "Tem cliente que não paga R\$ 90 em um mouse porque não precisa ou não gosta de gastar com tecnologia", diz. Dentre os lançamentos da empresa, constam o mouse ótico multimídia, que entre outras coisas permite aumentar o volume do som, e o mouse ótico X-Game, que conta com três botões ao lado especiais para quem gosta de jogos.

Mas inovador mesmo é o mouse especial RCT-Barban para deficientes físicos. O acessório, com dimensões de 50 x 11 x 2 cm, funciona com botões sensíveis ao toque. Quatro sensores podem movimentar o cursor nos sentidos para cima, baixo, esquerda e direita. Outros três ficam encarregados da função de selecionar. "O desenvolvimento desse mouse visa dar maior acessibilidade, para que todo mundo possa usá-lo. Foi um sonho realizado", diz a sócio-proprietária da RCT Computadores na Escola Ltda, Maria Cecília Granda. O aparelho pesa 0,5kg e custa R\$ 400. "Queríamos que fosse mais barato, mas não dá por conta dos impostos", justifica Granda.

LEIA MAIS NA PÁGINA 3

